

Relatório sobre a 31ª Conferência da International Society for the Sociology of Religion [ISSR/SISR] sobre Religião e Economia (30 de junho – 3 de julho de 2011) em Aix-en-Provence, França¹

*Jens Schlamelcher**

Será que os títulos de conferência podem dizer alguma coisa sobre tendências de pesquisa? Em qualquer caso, colocar o tema-guia da 31ª Conferência da International Society for the Sociology of Religion [ISSR/SISR], “Religião e Economia”, no contexto de outras conferências, edições de livros e edições especiais de jornais científicos (como o *Social Compass*), faz concluir que a investigação da interrelação entre religião e economia se tornou um dos temas mais importantes da Sociologia da Religião contemporânea. Como um indicativo adicional, a maioria dos painéis e apresentações em Aix-en-Provence aderiu sua contribuição ao tema-guia, o que é bastante incomum em conferências de grandes associações. Por outro lado, há uma razão para assumir que outros campos de pesquisa atuais da Sociologia da Religião – como o tema da moda, o “fundamentalismo” – tenham perdido não apenas o interesse público (principalmente quando se trata do florescimento dos temas árabes), mas também sua atratividade acadêmica.

A “virada econômica” não é um fenômeno inteiramente novo na Sociologia da Religião. Ela já havia se iniciado na década de noventa do século passado, quando a escolha racional se aproximou da religião como uma perspectiva econômica consistente, geralmente referida como um “novo paradigma”, alimentando os debates dentro da disciplina. Porém, nos anos mais recentes, pôde ser notada uma importante mudança longe de uma perspectiva econômica da religião às investigações empíricas sobre a interrelação entre temas religiosos e econômicos. Foi surpreendente que, em Aix-en-Provence, nenhum dos palestrantes compartilhava da escolha racional, e também não havia um único painel que a cobriria. Por outro lado, Tuomas Martikainen², em sua resposta, foi longe ao ponto de sugerir a investigação de toda a teoria da escolha racional na Sociologia como

¹ Tradução por Danielle Mozena, mestranda em Ciências da Religião pela PUC-SP

* Centro de Estudos da Religião, Universidade de Bochum, Alemanha. jens.schlamelcher@rub.de

² Pesquisador finlandês sobre estudos religiosos e migratórios. Para mais informações, visitar seu website oficial: <http://www.diaspora.fi/martikainen.html> (N.T.)

uma expressão ideológica dos processos socioeconômicos transformadores contemporâneos. “*A aproximação da escolha racional no estudo da religião*”, ele disse, “*pode servir como um indicador de que tais processos também podem ter um impacto nos campos da religião*”.

A razão para a formação dessa corrente na Sociologia da Religião parece ser precisamente esta proposição compartilhada de que o campo religioso global contemporâneo está exposto a processos socioeconômicos. Apesar disso, os acadêmicos da Sociologia da Religião parecem ter problemas em identificar a natureza exata de tais processos de transformação. Realmente, termos como “capitalismo tardio”, “neoliberalismo”, “cultura de consumo” ou “marketização”, que eram populares na década de noventa, foram referências constantes em Aix-en-Provence, mas houve falta de fundamentos teóricos para tais termos.

Apesar disso, a conferência foi caracterizada por uma grande variedade de aproximações distintas na investigação do campo religioso no contexto de processos socioeconômicos. Isto pode ser exemplificado não pelas referências a contribuições individuais, mas pelo delineamento de linhas maiores de questões investigativas em relação ao tema-guia que foi levantado em diferentes discursos e painéis.

Primeiro, a investigação dentro da interrelação de religião e economia é um tema clássico da Sociologia da Religião. Foi Max Weber que questionou o impacto da ética nos negócios das religiões mundiais nas estruturas econômicas. Essa abordagem ainda está presente em debates contemporâneos, quando acadêmicos, por exemplo, medem o impacto religioso na ascensão atual da China para a condição de superpoder econômico global. Porém, a proposição de que o campo religioso contemporâneo é exposto a pressões socioeconômicas parece convidar para o inverso da questão weberiana: não ao impacto de uma ética dos negócios da religião na economia, mas o impacto da restrição da economia na formulação da ética religiosa. Isto pode ser exemplificado pelas semânticas religiosas das megagregas evangélicas referidas por Marion Maddox³. Nas sociedades capitalistas, os indivíduos ficam encarregados da dupla função de produzir e consumir. A ética religiosa do evangelicismo é marcada por transformar essas restrições sociais (nas sociedades capitalistas tardias, é impossível negar essa dupla função como sendo individual) em um caminho de salvação religiosa. Essa cobertura religiosa para as necessidades econômicas não é apenas atrativa para a classe média, mas também para o “lumpemproletariado”⁴ das megacidades globais, onde a “Ética Evangélica” parece ter um impacto na conduta de vida similar ao que Max Weber explorou em sua tese “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”. Hoje, o evangelicismo

³ Escritora e acadêmica australiana. (N.T.)

⁴ No original, “*Lumpenproletariat*”.

serve para transformar este “lumpemproletariado” das favelas e guetos em potenciais produtores e consumidores comuns.

Tal afirmação sobre a aproximação religiosa sobre as estruturas sociais é apenas uma entre muitas que podem ser exploradas. Mas, também, para as pessoas intelectualmente mais perspicazes para a economia, a religião pode servir como meio para coabitar com o dilema da refutação moral desta dupla função de produção e consumo e a evidente impossibilidade de escapar dessa restrição econômica. As igrejas das cidades europeias, que combinam elementos cristãos com novas tendências religiosas, tendem a reproduzir esse dilema. Impressionados e aliviados pela bênção espiritual, as pessoas abandonam seus serviços e continuam – desprovidas de peso na consciência – a produzir e consumir.

Uma segunda linha de questionamentos está centrada na reestruturação corporativa das associações religiosas. Este processo não é óbvio apenas nas megaigrejas, que exibem elementos empresariais similares às grandes corporações em suas *Gestalts* sociais. Pelo menos no contexto europeu, não apenas o setor esotérico ou de novas religiões do campo religioso é dominado pelas estruturas de mercado, mas também as grandes igrejas, que com suas paródias reduzidas parecem alimentar a relação fornecedor-consumidor de sua clientela. Isto não é um convite para a observação de um “fim das comunidades religiosas”. Na verdade, tanto as megaigrejas quanto as cidades que possuem grandes igrejas como novas formações sociais dentro do campo religioso, são caracterizadas por oferecerem uma “comunalização situativa” para o público estrangeiro. Na sociedade pós-moderna, essa combinação da relação fornecedor-consumidor com processos de comunalização situativa parece ser mais atrativo em decorrência da clássica comunidade de pastores com sua alta e personalizada estrutura social.

Terceiro, algumas contribuições lidaram com o uso econômico de elementos religiosos. Por exemplo, nos últimos anos uma grande gama de consultorias “espirituais”, ou ainda “budistas”, surgiram, usando a religião como um diferencial, assim como um excedente qualitativo, com o objetivo de se ausentar da concorrência em seu campo organizacional. Devido a esse investimento na religião, toda uma gama de rearranjos religiosos pode ser observada, variando desde a comodificação à particularização, à retificação, à recontextualização, etc., de certos elementos religiosos, enquanto se negligenciam outros. Isso leva à conclusão de que um uso econômico de sucesso da religião é baseado em um paradoxo: enquanto uma essência religiosa é sugerida (como por exemplo, “os ensinamentos do Buda”), que é a base para o excedente religioso, esta essência é, na verdade, desconstruída e reconstruída de acordo com os objetivos econômicos.

Uma quarta linha de investigação, conduzida pelo antropólogo holandês Peter van der Veer, focou fundações simbólicas congruentes da economia, assim

como na religião. Especialmente a massa de dinheiro-médio simbolicamente generalizada, constituinte do núcleo econômico da sociedade global, implica como fundação um “ato de fé” em seu valor. Enquanto nas sociedades pré-modernas esse valor foi acobertado, pelo menos parcialmente, pelo valor econômico dos metais usados para a cunhagem, na idade do papel e do dinheiro digital seu valor depende unicamente neste ato de fé. Assim, a diminuição da fé na estabilidade econômica de um país irá conduzir a uma perda de valor monetário. Correntes oposicionistas do Marxismo, assim como na teoria econômica neoclássica – que concebem a economia como “fatos firmes” em detrimento de “fatos molengas”, ideológicos ou religiosos – mostram como esse reino da economia é profundamente baseado na fé.

É claro que nem todos os painéis contribuíram para a análise da interrelação entre economia e religião. Um dos painéis mais produtivos foi um que se focou na vistoria quantitativa na pluralidade religiosa. Especialmente nesse painel, o potencial das grandes conferências para ajudarem a aumentar a rede internacional poderia ser realizado por meio do encontro de sociólogos da religião de diferentes partes do mundo com o mesmo tema: a acurada medição do campo religioso global.

Por último, mas não menos importante, dois temas que dizem respeito à fixação da conferência devem ser mencionados: primeiro, o linguístico, segundo, o econômico. Tradicionalmente, a Sociedade Internacional de Estudos Sociológicos de Religião (ISSR) é bilíngue; contribuições orais ou escritas são aceitas tanto em francês como em inglês. Mas o fato de que esta conferência foi realizada em uma pitoresca cidade francesa com uma universidade levantou a impressão de que essa associação internacional teve, em partes, um caráter muito nacionalista. Contra toda a equanimidade dos dois idiomas, sociólogos franceses tenderam a se comunicar em francês, enquanto os sociólogos do resto do mundo se comunicavam em inglês. Tradutores simultâneos auxiliaram a superar essa situação, mas eles só eram utilizados em sessões plenárias.

Finalmente, as restrições econômicas tiveram um impacto visível na 31ª conferência da ISSR. Pela primeira vez nos últimos anos, o número de membros da ISSR, assim como de atendentes, diminuiu. A razão principal pode ser o carente suporte financeiro destinado às Ciências Sociais e Humanas. Enquanto, pelo menos, para o “caso excepcional” da Europa secularizada, onde nos últimos vinte anos mais e mais cientistas sociais observaram menos e menos religião, a transformação da prática religiosa em observação religiosa pode ter vindo como uma pausa. O bem-estar, assim como a aflição da Sociologia da Religião, dependem de uma graduação maior na economia.

Recebido: 15/07/2011

Aprovado: 27/07/2011